

ESCOLA E SOCIEDADE: UMA REDE DE COMPARTILHAMENTOS

Jeniffer Nicole Dörr

Resumo: A escola e a sociedade sempre estiveram interligadas, tendo a escola um papel muito importante quando se trata da orientação sobre assuntos que hoje estão presentes na realidade social de seus alunos. O presente artigo busca discutir o papel da escola e da sociedade na intervenção e preparação dos adolescentes para o convívio com a realidades presentes em nosso cotidiano. Acredita-se que o presente trabalho possa acrescentar ao conhecimento pedagógico, a importância dos papéis e intervenções psicológicas dentro do contexto escolar e social dos alunos. O estudo realizou-se a partir de um projeto desenvolvido com adolescentes, alunos de duas turmas da rede municipal do Vale do Paranhana. Para o seu desenvolvimento, contou com sugestões dos participantes na escolha dos assuntos abordados no decorrer do trabalho. Os assuntos que se destacaram na pesquisa foram, violência tanto doméstica quanto escolar, dependência química, saúde mental e relacionamentos. As atividades desenvolvidas dentro do ambiente escolar, tiveram como principal objetivo tornar a participação dos alunos mais ativa durante a intervenção. Buscou -se então trabalhar de forma mais dinâmica os temas escolhidos, através de rodas de conversa e atividades em grupo, sempre focando na problematização dos assuntos abordados, e quais as soluções para a redução de danos dos mesmos.

Palavras-chave: adolescentes, escola, comunidade, intervenção.

ADOLESCÊNCIA, ESCOLA E SOCIEDADE

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), o ciclo vital humano é composto por fases como a infância (período gestacional, primeira infância, segunda infância); adolescência (puberdade, adolescência média e final); adultez (jovem, maduro e final) e velhice. A adolescência então, é vista como um período biológico, psicológico e social, que ocorre entre os 10 e os 19 anos. Santos (2005), nos diz que a adolescência em primeira análise, apresenta-se vinculada à idade, à biologia, ao estado e à capacidade do corpo. Entretanto essas mudanças não se transformam por si sós, o adolescente em um adulto, são necessárias outras transformações para que a maturidade seja alcançada (BERGER e THOMPSON, 1997). Dessas mudanças estão inclusas as alterações cognitivas, sociais e de perspectiva sobre a vida.

A adolescência é considerada por Sprinthall e Collins (2003), como um novo nascimento, um período dramático marcado por fortes conflitos e tensões, o autor destaca que a adolescência era um estágio no qual cada indivíduo vivenciava e experimentava todas as etapas anteriores de seu desenvolvimento pela segunda vez. Ou seja, os adolescentes, experimentaríamos novamente a infância, porém agora em um nível mais complexo. A cultura vem se mostrando como um “molde” da expressão de uma adolescência naturalizada pela

pressão recebida no cenário de desenvolvimento atual. No qual os adolescentes têm sido cada vez mais definidos através de suas características sociais e econômicas, ou a partir do seu funcionamento físico e hormonal. Cada sociedade, portanto, é caracterizada sobretudo por sua cultura, a qual serve como fator de identificação de valores, costumes e crenças. Suas normas e expectativas culturais ajudam a determinar a natureza da adolescência.

Durante o período da adolescência, segundo Harter (1993), as pessoas desenvolvem as suas habilidades cognitivas, o que as tornam capazes de pensar de forma abstrata. Habilidades estas, que permitem aos adolescentes começarem a refletir sobre si mesmo e sobre os outros, em termos abstratos, construindo uma teoria sobre si mesmos, que como qualquer outra busca ter consciência interna e evitar contradições. Durante este período, também há um aumento nas interações sociais. O adolescente, procura criar e manter mais laços de amizade e de intimidade, o que proporciona o experimento de novos papéis sociais (Azmitia, Ittel, & Radmacher, 2005; Souza & Cerqueira- Santos, 2011).

Acredita-se que os adolescentes só podem ser compreendidos no contexto da sociedade em que estão inseridos, pois indivíduo e sociedade são entrelaçados. Não há dualismo entre eles, embora a relação indivíduo e sociedade seja uma questão instigante que acaba por gerar várias polêmicas e posições controversas. A relação indivíduo e sociedade aparece, muitas vezes, como interação entre elementos separados. Às vezes, o indivíduo é caracterizado como mera reprodução da sociedade, e, às vezes, como independente dela, como se existisse um paralelismo entre eles (Figueredo, 1989).

A subjetividade é construída nas circunstâncias históricas, culturais e sociais nas quais o indivíduo está inserido e também pelas experiências particulares que ele vivencia no interior dessa cultura que são irrepetíveis e determinam as idiosincrasias e a individualidade de cada um. A singularidade, aquilo que distingue os homens entre si, é determinada concretamente (Fernández Villanueva & Torregrosa, 1985; Berger & Luckmann).

Desta forma, sabe-se que crianças e adolescentes passam grande parte do seu tempo na escola, a qual, perante a perspectiva do modelo ecológico do desenvolvimento humano é um espaço privilegiado para a interação e aperfeiçoamento de habilidades de socialização com os demais (Lisboa e Koller, 2004a). Nesse aspecto o sistema escolar deve se concentrar no fortalecimento de características e habilidades fundamentais para o desenvolvimento dos adolescentes, usando o desempenho, na adultez, dos papéis sociais futuros de trabalhadores e cidadãos (Wentzel & Looney, 2007).

Entende-se que pelo fato de escola e sociedade sempre se encontrarem interligadas, a escola exerce um papel muito importante quando se trata da orientação sobre assuntos que hoje estão presentes na realidade social de seus alunos. Segundo Sampaio (1996), a Escola

não pode continuar a ser apenas um local de instrução, mas tem de ser também um local onde se personaliza, socializa e educa. Este papel não pertence somente à família. A Escola tem de ser um local de diálogo onde os jovens possam participar de uma forma empenhada e alegre no seu projeto educativo. Deste modo deixaremos de formar jovens passivos, conformados e sem opinião, para formarmos jovens participativos, ativos, com iniciativa e criatividade, com autonomia, dinâmicos e críticos.

Segundo Bronfenbrenner (2004), a abordagem bioecológica do desenvolvimento humano (ABDH), caracteriza-se pelo seu envolvimento com a compreensão das relações dinâmicas entre o indivíduo em desenvolvimento e a ecologia integrada e multidimensional do desenvolvimento humano. Proporciona um sentido teórico e prático quando se trata das relações entre as pessoas, dentro de contextos nos quais o indivíduo é influenciado e ao mesmo tempo também causa influências. As alterações no desenvolvimento, ocorrem então, na percepção e na ação do indivíduo. Compreendendo que o que é percebido, temido, desejado, adquirido ou pensado como conhecimento e como a natureza desse material psicológico muda conforme se dá a exposição e a interação de uma pessoa com o meio social.

Partindo da compreensão de Bronfenbrenner (1996) do modelo bioecológico, afirma-se como essencial o entendimento do desenvolvimento humano, partindo um contexto de estudo de quatro componentes: pessoa, processo, contexto e tempo. O autor trabalha com a definição de desenvolvimento em diferentes “ambientes ecológicos. O cenário é descrito como uma sequência de estruturas “encaixadas umas dentro das outras”, que permitem avaliar os eventos que interferem no desenvolvimento pessoal com maior ou menor potência. São eles: *microssistema*, o que diz respeito às conexões entre pessoas de maneira direta: interrelações face a face, no ambiente imediato da pessoa em desenvolvimento. O *mesossistema*, composto de microssistemas nos quais a pessoa em desenvolvimento participa diretamente, esse nível é formado/ampliado sempre que o indivíduo em desenvolvimento entra em um novo ambiente que influencia os demais ambientes em que ela circula, gerando então, inter-relações entre os sistemas. O *exossistema*, refere-se a ambientes com os quais as pessoas em desenvolvimento talvez nunca entre em contato direto, mas que afetam o que acontece no ambiente imediato da pessoa. Por fim o *macrossistema*, que se remete aos padrões globais de ideologia e organização das instituições sociais comuns a determinada parte da sociedade ou a esta em sua totalidade, envolvendo também, as consistências que existem ou poderiam existir, permeando os níveis anteriormente citados, vinculadas a qualquer sistema de crenças (Bronfenbrenner 1996).

INTERVINDO COM ADOLESCENTES NO CONTEXTO ESCOLAR

Partindo do entendimento dos sistemas citados acima, entende-se que ao trabalhar com adolescentes, nos deparamos com diversos desafios, o que torna a intervenção mais interessante para o profissional. A interação com o grupo de iguais, assim como com familiares e com a comunidade em si, é fundamental na construção da identidade e na vivência saudável desta etapa do ciclo vital. O que acaba se tornando um desafio para profissionais da saúde e educação a não somente compreender o a forma como ocorre o processo de desenvolvimento, mas também, à como fornecer ferramentas que possam fortalecer esse processo, potencializando fatores de proteção identificados no contexto desenvolvimental dessas pessoas em formação.

Sawaia (1995), destaca como uma das principais ferramentas interventivas, a intervenção psicossocial. Para a autora, esta intervenção busca permitir a apropriação, pelo sujeito, de sua história e seu potencial para transformar a sociedade. Assim, o profissional deve conhecer a realidade na qual está intervindo, possibilitando o desenvolvimento da consciência crítica nos participantes. A partir desta ação, pode desencadear-se o desenvolvimento de autores de novas histórias e o resgate da autoestima do indivíduo dentro de seu ambiente de convívio, sendo ele em sua casa, escola e comunidade (Costa, Silva, & Santos, 2009).

Dentro deste contexto, também surge outro desafio para intervenções realizadas com adolescentes, a necessidade da construção de projetos que visem ao desenvolvimento das suas habilidades pessoais e sociais, a promoção de resiliência, o desenvolvimento da autoestima, o estabelecimento de fatores de promoção e a prevenção aos fatores de risco (Cordeiro, 2007). Para que isso seja atendido, é fundamental o planejamento adequado da intervenção de acordo com a realidade daquele ambiente social que se interveem.

A literatura nos proporciona diversas intervenções que valorizam o enfoque contextual, fornecendo aos adolescentes momentos de reflexão e discussão, nos quais estes podem ver-se e sentir-se como seres biopsicossociais (Alencar, Silva, Silva, & Diniz, 2008). As interações com este público podem ocorrer de forma individuais ou em grupos, buscando a saúde física e mental, aliando as experiências vividas pelos participantes, à percepção de que os outros jovens passam pelas mesmas vivências (Costa et al., 2009).

A IMPORTÂNCIA DAS RODAS DE CONVERSA E INTERVENÇÕES

Existem hoje diversas maneiras de se trabalhar com adolescentes, umas delas é através das narrativas. Entende-se as narrativas como um estudo em que o pesquisador procura treinar o olhar para compreender as categorias que surgem a partir do discurso dos sujeitos, no nosso caso, os adolescentes ouvidos ao longo do trabalho. Pela percepção crítica, contextualizada e identificada das diversas diferenças que cada discurso apresenta, tais como o que a fala esconde e o que ela revela, se atende ou não a expectativa do pesquisador (GHEDIN; FRANCO, 2008).

Marinas e Santamarina (1995) acreditam que o sujeito é sempre um narrador em potencial. O fato é que ele não narra sozinho, reproduz vozes, discursos e memórias de outras pessoas, que se associam à sua no processo de recordação e de socialização, e o discurso narrativo, no caso da roda de conversa, é uma construção coletiva. No contexto da produção de dados, o pesquisador deve compreender que as memórias culturais e individuais estão intimamente ligadas.

Assim, compreende-se que as rodas de conversa promovem a ressonância coletiva, a construção e a reconstrução de conceitos e de argumentos através da escuta e do diálogo com os pares e consigo mesmo. E, ao pensar a forma de adotar e conduzir esse instrumento, temos que considerar que o diálogo construído representa o pensar e o falar de “[...] indivíduos com histórias de vida diferentes e maneiras próprias de pensar e de sentir, de modo que os diálogos, nascidos desse encontro, não obedecem a uma mesma lógica” (WARSCHAUER, 2002, p. 46).

Segundo Warschauer (2000) nas rodas de conversa o diálogo é um momento singular de partilha, porque pressupõe um exercício de escuta e de fala, em que se agregam vários interlocutores, e os momentos de escuta são mais numerosos do que os de fala. As colocações de cada participante são construídas por meio da interação com o outro, seja para complementar, discordar, seja para concordar com a fala imediatamente anterior. Conversar, nessa acepção, significa compreender com mais profundidade, refletir mais e ponderar, no sentido de compartilhar.

Caniato (2010), nos traz uma amostra de uma intervenção realizada em um projeto que tinha por objetivo desenvolver junto aos adolescentes um espaço de reflexão com o intuito de ajudar os participantes a se libertarem de preconceitos da sociedade atribuídos ao grupo. A principal intervenção se deu através de encontros semanais, onde eram discutidos assuntos trazidos pelos integrantes do grupo. Neste projeto foram trabalhados diversos assuntos como, sexualidade, relacionamentos e vínculos afetivos. Assuntos estes, trabalhados através de dinâmicas de grupo, discussões sobre filmes e conversas. Através do projeto, foram percebidos por meio dos resultados obtidos que, os integrantes do grupo ao longo das

intervenções haviam adotado uma postura crítica sobre alguns temas discutidos. Permitindo que os adolescentes passassem a questionar a realidade social na qual se encontravam inseridos.

Desta forma, será apresentado no decorrer deste trabalho uma proposta de intervenção que teve por objetivo facilitar o desenvolvimento de conhecimento do adolescente em diversos assuntos presentes no seu cotidiano. O presente projeto foi desenvolvido em uma escola do Vale do Paranhana, através do projeto, buscou-se então, não somente levar informativos sobre os assuntos abordados para os alunos, mas também, partindo de tais informações, poder proporcionar a eles a autonomia sobre como lidar quando confrontados com tais questões, já que, os assuntos se fazem presente na realidade da sociedade onde vivem e também da realidade escolar. Desta forma é criado um espaço onde os participantes tenham liberdade para expressarem sentimentos, ansiedades, expectativas e manifestações relacionadas aos assuntos trabalhados. O presente projeto apresentou como objetivos específicos:

- a) Estabelecer a oportunidade autonomia através da escolha dos temas para os adolescentes;
- b) Possibilitar a vivência da adolescência de forma saudável;
- c) Proporcionar a informação e conscientização dos temas trabalhados em grupos;
- d) Construir em grupos informativos sobre a prevenção ao uso indevido de drogas e violência, que serão levados a comunidade;
- e) Fortalecer as características positivas dos adolescentes;
- f) Facilitar a expressão de opiniões e o compartilhamento de pensamentos e sentimentos entre adolescentes com experiências culturais semelhantes;
- g) Auxiliar na reflexão acerca do papel dos adolescentes na escola e na comunidade em que estão inseridos (construção de cidadania).

AS INTERVENÇÕES

Destaca-se a importância de ressaltar que o projeto foi desenvolvido partindo de sugestões dos alunos, com idades de 12 a 14 anos, de duas turmas de ensino fundamental participantes das intervenções, a decisão de que fosse realizada de tal forma, surgiu do interesse em trabalhar a autonomia dos alunos desde o início do projeto, buscando também ter conhecimento sobre as principais demandas apresentadas pelos alunos escola e

sociedade que se encontram inseridos. Após o contato com a escola e o esclarecimento sobre o projeto e intervenção, ocorreu então a apresentação aos alunos e a busca pelas sugestões do mesmo para os assuntos a serem trabalhados durante o projeto, que terá a duração de sete encontros, (um para a apresentação do projeto e busca pelas sugestões, e os demais para as intervenções através dos assuntos escolhidos e fechamento), será realizado em duas etapas, por serem duas turmas as intervenções ocorrerão nas turmas em momentos diferentes. Durante as intervenções serão abordados os principais temas escolhidos: drogas (dois encontros), violência (dois encontros), saúde mental e assuntos relacionados (dois encontros). Na pesquisa sobre os interesses, surpreendeu o fato de um dos principais assuntos ser a “violência”, tanto doméstica quanto escolar, que segundo a escola é um tema que ainda não foi abordado com os alunos em outros projetos e que está muito presente na realidade escolar. Após apresentar a proposta e assuntos que serão abordados, verifica-se se todos consideram relevantes os temas abordados, caso ocorra o interesse por outro assunto no decorrer do trabalho este será abordado no último encontro.

A pesquisadora e também responsável pelo desenvolvimento e intervenções do projeto, aluna no curso de Psicologia d FACCAT, se encontra sob orientação e supervisão acadêmica para a realização do trabalho. Desta forma, para tal realização, tornou-se necessária a pesquisa e leitura sobre os diversos temas abordados e práticas com adolescentes no contexto escolar. Além disso, são realizados encontros com coordenadores da escola para a discussão dos temas abordados e intervenções, a fim de supervisionar as intervenções e organizar os dados sobre a efetividade das intervenções.

Desta forma, no decorrer as intervenções os assuntos serão trabalhados de forma dinâmica e através de atividades realizadas em grupos, portanto cada encontro das turmas será dividido em quatro momentos: breve introdução sobre o tema abordado, técnica, aplicação de dinâmicas ou atividades, discussão através de roda de conversa sobre o tema e atividade realizada, e por fim feedback sobre o encontro. Através deste espaço será possível aos adolescentes expressarem seus sentimentos, como medos, angústias, expectativas sobre o tema abordado. Também possibilitará o esclarecimento de dúvidas gerais dos adolescentes e construção de conclusões sobre as temáticas trabalhadas.

INSERÇÃO NA ESCOLA

A inserção na escola, se deu através do contato com a coordenadora, esta responsável pelos demais projetos desenvolvidos com os alunos. Fez-se então a visita a escola para a apresentação das principais intenções e funcionamento da pesquisa e intervenções a serem desenvolvidas no projeto. Após a confirmação do interesse da escola em realizar o projeto,

foi então realizada as combinações sobre os horários, número de encontros e como estes ocorreriam. Todas combinações confirmadas, é realizada então a apresentação do projeto para os alunos das duas turmas selecionadas para a realização do mesmo, neste mesmo momento, também se realiza a pesquisa sobre os assuntos que os participantes teriam interesse de trabalhar no trabalho.

PRIMEIRO ENCONTRO: PESQUISA SOBRE ASSUNTOS DE INTERESSE DOS ALUNOS

Através desta pesquisa, realizada de forma simples, solicitou-se aos alunos que escrevessem em um papel, sem necessidade de se identificarem, assuntos que gostariam que fossem discutidos no decorrer do projeto. Buscou-se então desenvolver a autonomia sobre escolha dos alunos desde este primeiro momento, tornando possível também um breve conhecimento sobre a realidade escolar e social dos participantes.

SEGUNDO ENCONTRO, FORMANDO VÍNCULOS E TRABALHANDO AS DROGAS

1ª ATIVIDADE: dinâmica do barbante, utilizada para trabalhar em um primeiro momento a importância de cada participante nas atividades propostas no trabalho.

Os adolescentes se organizam em um grande círculo. Um participante voluntário enrola o início do barbante em seu dedo e se apresenta (nome, o que gosta de fazer e o que não gosta). Após a apresentação, o adolescente joga o carretel de barbante para outro adolescente, sem desamarrar o cordão de seu dedo. O adolescente que recebe o barbante deve enrolá-lo em seu dedo e se apresentar. O processo segue assim até que todos tenham se apresentado. Ainda em círculo, é solicitado que os participantes falem sobre: o que observaram, o que sentiram e o que significa aquela teia formada para eles, (o emaranhamento do barbante) e o que aconteceria se um deles soltasse seu fio. É importante que, em face das respostas dos adolescentes, sejam abordadas as seguintes questões:

1. O que é grupo?
2. A importância da permanência de todos;
3. O fato de que um não pode ocupar o lugar do outro (cada um tem o seu lugar e espaço dentro do grupo);
4. A necessidade do respeito com relação à opinião dos demais adolescentes;
5. A união do grupo;
6. A necessidade de confiar uns nos outros;
7. O sigilo e
8. O comprometimento com o que será conversado nos encontros;

2ª ATIVIDADE: a partir desta atividade será dado início às intervenções relacionadas aos temas sugeridos pelos participantes. O primeiro tema abordado será o uso indevido de drogas.

Para trabalhar este tema, de uma forma que fique clara para os adolescentes o que é a dependência de alguma substância, primeiro será realizada uma introdução sobre o assunto. Então, após realizada a introdução será aplicada a dinâmica da Pirâmide, a qual tem por objetivo principal possibilitar a visualização da frequência de uso de substâncias psicoativas. Após o encerramento das atividades será realizada a discussão sobre o primeiro encontro, e também serão dadas as orientações para as atividades a serem realizadas no próximo encontro.

TERCEIRO ENCONTRO: O QUE PODEMOS FAZER PARA PREVINIR O USO INDEVIDO DE SUBSTÂNCIAS?

Dando continuidade ao encontro anterior, neste encontro será realizada uma roda de conversa sobre como podemos intervir, o que podemos fazer na escola e na sociedade para prevenir o uso indevido de substâncias. Após a discussão, será proposto aos adolescentes que confeccionem informativos sobre a prevenção à dependência química para que em outro momento do projeto possamos distribuir nos principais pontos da comunidade.

QUARTO ENCONTRO E QUINTO ENCONTRO: TRABALHANDO A VIOLÊNCIA

Através destes encontros busca-se levar informações aos participantes sobre o que é a violência? Como ela ocorre? Quais os tipos de violência? Em um primeiro momento será realizada então uma breve introdução sobre o assunto, que terá como objetivo apresentar o tema para os participantes e também esclarecer dúvidas. Após então, será realizada a dinâmica “o Jogo do Gato e o Rato”, que tem como principal objetivo realizar uma reflexão sobre as relações de superioridade-submissão e definir os elementos que devem existir para que uma relação seja equilibrada, trabalhando também questões de empatia, para que aprendam a não somente enxergar o outro mas também se colocar no seu lugar. Será narrado então um texto, e após será realizada a reflexão com o grupo sobre a dinâmica realizada.

Após a realização da dinâmica, será então iniciada a oficina para a confecção dos informativos sobre a violência, estes que serão distribuídos na comunidade, durante uma passeata que ocorrerá no decorrer do projeto.

O quinto encontro terá como objetivo trabalhar a interação dos alunos, através da roda de conversa, onde serão discutidos os aspectos trabalhados no encontro anterior sobre a

violência. Também será realizada uma passeata pela comunidade para a distribuição dos cartazes sobre a violência nos principais pontos do bairro.

Após o retorno dos alunos da escola, será dado início ao trabalho sobre o tema saúde mental. Então será aplicada a dinâmica da resistência, e aberta discussão para que os participantes possam relatar como se sentiram com a atividade. Desta forma, será mostrado aos adolescentes um pouco sobre como se sentem pessoas que possuem algum sofrimento psicológico ou até mesmo transtornos.

SEXTO ENCONTRO: TRABALHANDO A SAÚDE MENTAL E ASSUNTOS RELACIONADOS

Dando continuidade ao assunto que teve início no encontro anterior, será feita uma breve apresentação relacionada ao assunto, e então será aberto para roda de conversa.

Então em um segundo momento, será realizada então, a dinâmica do terremoto, a qual tem por objetivo promover a reflexão sobre a importância do trabalho de equipe e da coletividade para a resolução de problemas. Após a aplicação da dinâmica, será aberta roda de conversa para discussões a respeito do tema trabalhado.

Desenvolvimento: Divida os participantes em grupos de três pessoas, deixando uma pessoa de fora. Cada grupo será composto por duas paredes e um morador. Para cada trio, as pessoas que representam as paredes devem ficar uma de frente para a outra, dando as mãos. O morador deve ficar entre as duas paredes.

Conclusão: Como se sentiram os que ficaram sem casa? Os que tinham casa pensaram em dar o lugar ao que estava no meio? Passar isso para a nossa vida: como é se sentir excluído de um grupo?

SÉTIMO ENCONTRO: FECHAMENTO

Durante este encontro, o qual terá como principal objetivo o esclarecimento de dúvidas, discussões sobre os assuntos trabalhados no projeto. Será feita a apresentação dos alunos sobre um dos temas que mais se identificaram. Após então será dado o feedback a turma e preparada uma confraternização para o encerramento do projeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao planejar uma intervenção é importante para o facilitador, a busca constante por teorias e práticas relacionadas as intervenções, para que assim esteja sempre atualizado e capacitado para realizar as intervenções. Também, deve-se sempre levar em consideração

diversos aspectos relacionados a demanda que buscamos estar intervindo. Em primeiro lugar, é importante que as temáticas escolhidas sejam do interesse dos participantes, e que principalmente seja trabalhada de forma atrativa, através de atividades criativas e dinâmicas. Desta forma, destaca-se a importância de considerar as características pessoais do facilitador, que deve sempre intervir de forma organizada, mantendo sempre o controle e domínio sob o grupo, adotando sempre uma postura ética e fácil adaptação aos ambientes em que se encontra inserido. Sobre a participação dos adolescentes, é importante lembrar que sempre deve ocorrer de forma espontâneas, sem obrigações.

Mesmo que as intervenções realizadas com foco em tema único, tenham como objetivo destacar uma parte do desenvolvimento dos adolescentes, estas por fim acabam impedindo que sejam trazidos dúvidas e questionamentos que também são importantes para os alunos. Então, recomenda-se que as intervenções sejam produzidas de forma mais ampla, trabalhando várias temáticas. Ressaltando sempre a importância de proporcionar ao grupo abertura para que possam interagir e se expressar em relação ao que se é trabalhado. Propõe-se, então, que para a realização de projetos que tem como objetivo trabalhar temáticas relacionadas às vivências dos adolescentes, sempre buscar entender e conhecer a realidade social que os participantes estão inseridos, seus conflitos, o funcionamento dos relacionamentos e históricos de vida. O que possibilitará que a intervenção seja construída e colocada em prática conforme a realidade do grupo trabalhado. Através deste projeto foi possível identificar que grande parte dos adolescentes não discute esses assuntos com seus familiares ou pessoas de seu convívio próximo, sendo na maioria das vezes por motivos de vergonha, ou até mesmo por falta de oportunidade para entrar em algum diálogo sobre os temas trabalhados.

REFERÊNCIAS:

- Alencar, R. de A., Silva, L. Silva, F. A., & Diniz, R. E. da S. (2008). Desenvolvimento de uma proposta de educação sexual para adolescentes. *Ciência & educação (Bauru)*, 14(1), 159-168.
- Azmitia, M., Ittel, A., & Radmacher, K. (2005). Narratives of friendship and self in adolescence [Special issue]. *New Directions for Child and Adolescents Development*, 107(1), 23-29
- Berger, K. S., & Thompson, R. A. (1997). *El desarrollo de la persona desde la niñez a la adolescencia* (4. Ed.). Madrid: Medica Panamericana.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artmed.
- Caniato, A. M. P., Moura, R. H. de, Abeche, R. P. C., Eckstein, D. F., Santos, D. A. dos, Alves, E.F., ... Costa, V. A. da. (2010). Relações afetuosas e solidárias: uma pesquisa-intervenção. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 5(2), 163- 174.
- Cordeiro, R. A. (2007). O planejamento de um programa de intervenção com adolescentes. *Revista Portuguesa de Clínica Geral*, 23(6), 709-711.
- Costa, M. A. C., Silva, A. P. T. da, & Santos, C. P. (2009). Mídia e intervenção psicossocial nas comunidades: Em busca de novas possibilidades. *Revista Lusófona de Educação*, 14(14), 101-110.
- Fernandez Villanueva, C. (1985). *Socialización infantil y clase social*. Madrid: Universidad Complutense.
- Figueredo, L.C. (1989). Revisitando as psicologias. Rio de Janeiro: Vozes.
- GHEDIN, E.; FRANCO, M. A. S. Questões de método na construção da pesquisa em educação. São Paulo: Cortez, 2008.
- Harter, S. (1993). Causes and consequences of low self- esteem in children and adolescents. In R. F. baumeister (Ed.), *Self-esteem: The puzzle of low self regard* (pp.87-116). New York: Plenum.
- Lisboa, C. S. M., & Koller, S. H. (2004a). Interações na escola e processos de aprendizagem: Fatores de risco e proteção. In E. Boruchovitch, & J. A. Bzuneck (Orgs.), *Aprendizagem: Processos psicológicos e o contexto social na escola* (pp. 201-224). Petrópolis: Vozes

SANTAMARINA, C.; MARINAS, J. M. Histórias de vida e história oral. In: DELGADO, Juan M.; GUTIÉRREZ, Juan (Org.). Métodos y técnicas cualitativas de investigación en ciencias sociales. Madri: Síntesis, 1995. p. 259-287.

Santos, L. M. M. dos. (2005). O papel da família e dos pares na escolha profissional. *Psicologia em Estudo*, 10(1), 57-56

Sawaia, B. (1995). Psicologia social: Aspectos epistemológicos e éticos. In B. Sawaia, & S. T. M. Lane (Orgs.), *Novas veredas da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense.

Sprinthall, N. A., & Collins, W. A. (2003). *Psicologia do adolescente: Uma abordagem desenvolvimentista* (3. Ed.). Lisboa: Fundação Caloust Gulbenkian.

WARSCHAUER, C. Rodas em rede: oportunidades formativas na escola e fora dela. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2001. _____. A roda e o registro: uma parceria entre professor, aluno e conhecimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. _____. Rodas e narrativas: caminhos para a autoria de pensamento, para a inclusão e a formação. 2004. Disponível em:. Acesso em: 4. jan. 2014.

Wentzel, K. R., & Looney, L. (2007). Socialization in school settings. In J. E. Grusec, & P. D. Hastings (Eds.), *Handbook of socialization: Theory and research* (pp. 382-403). New York: Guilford.

World Health Organization [WHO]. (2018). *Preventing early pregnancy and poor reproductive outcomes among adolescents in developing countries*. Geneva: WHO. Retirado de http://www.who.int/maternal_child_adolescent/documents/preventing_early_pregnancy/en/index.html